

AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

NOTAS PARA DISCUSSÃO¹

DR. ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Leibniz de Hannover/Alemanha
Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Interdisciplinar em
Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade
Contemporânea (CED/UFSC/CNPq)
Pesquisador CNPq

Resumo | O texto propõe um conjunto de questões para o tema da avaliação em Educação Física na Educação Infantil, tema importante e pouco enfrentado na área. Para tanto, delimita alguns tópicos sobre (1) a importância de se pensar que conhecimento que circula e é mediado, (2) critérios, temas, questões, sobre avaliação, (3) como temos avaliado, com ênfase nos registros (4) como seguimos pensando.

Palavras-chave | Avaliação; Educação Física, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Avaliar é sempre uma atividade complexa e não é diferente quando se trata de Educação Física e, ainda por cima, na Educação Infantil, etapa da Educação Básica no interior da qual se tem desenvolvido importantes

-
1. Uma versão preliminar deste texto teve como meta subsidiar o processo de formação continuada de professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil no município de Florianópolis (segundo semestre de 2017). Agradeço a Ana Cristina Richter, Gisele Carreirão Gonçalves, Michelle Carreirão Gonçalves, Carmen Lúcia Nunes Vieira, Adriana Maria Pereira Wendhausen e Mirtes Adriane Varotto, a leitura crítica. O CNPq financia o Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação, do qual este trabalho emerge.

trabalhos, mas que ainda carece de consolidação no que se refere à presença de uma disciplina específica que se ocupe das práticas corporais institucionalizadas. Se estas são obrigatórias no zero a seis anos, não necessariamente demandam, legalmente, professor de Educação Física. Em muitos lugares, no entanto, tal presença é requerida, como em Florianópolis, capital de Santa Catarina. Isso convida a um conjunto de formulações, assim como a análise do que vem sendo feito por gente de Educação Física que se ocupa da educação das crianças.

A presença de professores de Educação Física na Educação Infantil nem sempre foi plenamente aceita e apoiada, talvez ainda hoje não seja. Tanto porque há eventual falta de recursos financeiros (a Educação não costuma ser prioridade de governos) para incorporar mais um profissional ao trabalho pedagógico, quanto porque a defesa de um projeto educacional unificado muitas vezes dá preferência à presença apenas da professora regente². O que se observa, no entanto, é que um especialista da Educação Física pode, com vantagens, abarcar pedagogicamente um âmbito fundamental da condição humana, materializado pelo corpo, suas representações e práticas. É preciso, no entanto, que a formação de professores de Educação Física faça jus ao complexo trabalho que a Educação Infantil demanda.

Enquanto nas práticas pedagógicas já se experimenta um avanço considerável, ainda que insuficiente, não há um bom acúmulo de discussão sobre a avaliação delas em processo, ainda que não se deva deixar de destacar que em algo andamos, a exemplo do documento de orientação sobre as práticas para as crianças pequenas e muito pequenas, que coletivamente produzimos há alguns anos e que veio à luz no final do ano passado, *A Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis*³. Avaliação é ainda um nó, em especial porque a saída aparentemente fácil do mérito não pode ser considerada para a progressão de crianças de zero a seis anos.

2. Sayão (1997) destaca criticamente a separação entre o pátio e a sala na Educação Infantil.

3. http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_06_2017_9.23.33.5187fb803460dd1cd26a6eb383715fd8.pdf

A questão, mesmo sem as respostas que gostaríamos – aliás, por isso mesmo – precisa ser enfrentada. Neste texto apresento algumas notas como tentativa preliminar de propor tópicos para uma pauta de discussão sobre avaliação na Educação Física Infantil. Ela pode ser enriquecida, corrigida, desviada ou mesmo recusada. Neste sentido, parece-me importante que (1) tenhamos claro o que está proposto para as práticas de Educação Física, elaborando também perguntas (elas são sempre importantes, ferramentas para seguirmos pensando) sobre conhecimentos e saberes que circulam e são transmitidos nas experiências pedagógicas; (2) desenvolvamos elementos que ajudem a dar forma ao debate, ou seja, que elenquemos critérios, temas, questões, sobre avaliação; (3) documentemos e discutamos como temos avaliado em Educação Física na Educação Infantil; (4) elaboremos perguntas concretas sobre avaliação e tentemos responde-las, nem que seja na forma de novas hipóteses e mais precisas perguntas, o que já seria bastante bom.

CONHECER EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Um dos desafios para a Educação Física na Educação Infantil é o de termos claro o que vamos desenvolver, o que, pelo menos, prevemos que deva acontecer na relação pedagógica com as crianças. A organização pedagógica e tudo o que a ela diz respeito – o tempo destinado aos momentos de Educação Física, por exemplo – depende disso. Precisamos, portanto, de planejamento com objetivos claros, ou não poderemos depois avaliar. Da mesma forma, o *como* é muito importante, ou seja, a metodologia de trabalho, o percurso a ser desenvolvido. Se não sabemos como as coisas preferencialmente vão acontecer, como poderemos avaliar o processo?

Frequentemente temos objetivos até bem formulados, mas avaliamos segundo critérios que não têm a ver com eles. Se queremos que uma questão seja tratada, então devemos avaliar como ela se desenvolveu ou se está desenvolvendo – a avaliação ocorre também durante o processo –; se é uma capacidade que pretendemos incrementar, é sobre isso que precisamos perguntar. Se pretendemos que as crianças aprendam aspectos

de um elemento da cultura – saltar em suas várias possibilidades, por exemplo – não podemos dizer depois, simplesmente, que a aula transcorreu bem, que os pequenos colaboraram, que gostaram das atividades etc. Precisamos perguntar, sem desconsiderar os itens anteriores, se elas aprenderam, no transcurso das aulas, o conteúdo cultural que ali estava sendo mediado.

Coloca-se novamente a importância da Educação Física no Projeto Político-pedagógico (PPP) da Unidade, no qual, primeiro de tudo, ela deve estar presente para além da simples menção. No PPP deve constar, entre outros aspectos, o que se quer com as práticas corporais organizadas pelo professor específico, e como será avaliado o processo que ali se desenrola. Isso é importante para que o especialista se oriente, mas, especialmente, para que todos na Unidade Educacional saibam como as práticas foram propostas, de modo a poderem colaborar com o processo, dialogando com os pares de Educação Física (VAZ, 2004). Evidentemente, o diálogo deve ser de todos na unidade educacional, sem o qual não é possível um processo de formação unificado e bem estruturado.

GOSTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Quais questões são importantes para pensarmos a avaliação em Educação Física na Educação Infantil? Penso que uma delas é a questão do gosto⁴. Se não há mobilização das crianças para o momento da Educação Física, então a prática não acontece, ou acontece de maneira muito precária. No entanto, as Unidades de Educação Infantil não são espaços de diversão, mas de formação. Ou seja, é preciso ser gostosa a aula, mas isso deve estar vinculado à consecução dos objetivos previstos, ainda que o prazer deva ser um fim em si mesmo. Paradoxo? Talvez. Operemos com ele.

Mas a questão do gosto apresenta outra face. Nós gostamos quando as crianças gostam de nossas proposições. Não há nada de mal nisso, a

4. Lovisolo (1997) me inspira na questão do gosto e sua relação com a Educação.

não ser pelo fato de não podermos realizar nossa intervenção pedagógica com o objetivo de que nossas demandas afetivas sejam atendidas. As práticas não podem ser avaliadas apenas em função de cada momento de sua realização, mas no encadeamento de vários dias, semanas, meses, até mesmo anos. Ou seja, uma intervenção pedagógica pode parecer que fracassou se tomada apenas em si mesma, mas no contexto de um conjunto delas, as práticas e seus desdobramentos podem ganhar sentido. Às vezes, algo aparentemente sem êxito hoje, na semana que vem se revelará de forma mais completa. O inverso, aliás, também pode ser verdadeiro, e muito sucesso imediato às vezes se mostra não mais que episódico, inconsequente, ou mesmo com efeito contrário ao pretendido, no médio e no longo prazo.

Outro ponto importante é o fato de que não há sujeitos universais, ainda que haja direitos universais. Ou seja, podemos ter uma expectativa sobre uma criança de três anos, mas ela provavelmente não a cumprirá, ao menos não inteiramente, uma vez que não há uma criança universal, mas um sujeito particular. Cada uma tem seus tempos e interesses, seu lugar no mundo. Aprendi com Ricardo Crisorio, que se apoiou no filósofo Michel Foucault, que a educação tradicional generaliza o sujeito e particulariza o conteúdo. Operamos, com muita frequência, com a ideia de que há um modelo “correto” de criança que corresponderia, nos termos de suas capacidades, a um grau de ensino. Com isso o que fazemos é dizer *o que a criança não consegue fazer, mas que, supostamente, deveria*, ou seja, vemo-las todas como se fossem iguais – ou deveriam sê-lo. Elas não são. Dessa forma, o que acabamos por fazer é atribuir a cada uma a “culpa” por não aprender algo. Com isso particularizamos os saberes, ou seja, só algumas, no tempo “ideal” seriam capazes de aprender. Por outro lado, há os direitos de todos: ao cuidado, educação, atendimento pleno, acolhimento, respeito à integridade corporal e psicológica etc. A isso se soma a atenção às possíveis defasagens que cada criança possa apresentar. Operamos, novamente, em paradoxo: há universalização da condição humana, ela deve ser respeitada, mas em seu interior vive a particularidade de cada ser humano, de cada criança.

Nem todas as crianças farão tudo ao mesmo tempo e no mesmo tempo. Podemos propor práticas distintas para pequenos grupos ou mesmo para crianças individualmente, e isso deve ser considerado na avaliação. Isso não significa deixar a cargo das crianças, de forma absoluta, a opção pelas atividades, mas de considerar e respeitar as diferenças entre elas, inclusive de aprendizagem e desenvolvimento. Observar as diferenças e incorpora-las na dinâmica pedagógica é muito importante, inclusive para evitar desigualdades no atendimento.

Outro ponto importante neste mesmo quadro é tomar consciência de que não temos os mesmos afetos por todas as crianças – e por todos os colegas. Considerar isso sem medo talvez nos mostre algo sobre nós mesmos, evitando que, sem querer, materializemos esses sentimentos na forma de uma atenção seletiva, mais precária em relação a algumas crianças. E também a colegas. A propósito, um texto muito importante para ajudar a entender essas questões é *Tabus sobre o magistério*, do filósofo alemão Theodor W. Adorno (1995). Com ele aprendemos a importância de o professor reconhecer suas debilidades, que ele é também, como todo sujeito, alguém que opera na falta, no desejo, que não é, e tampouco precisa ser, um super-homem ou uma supermulher.

As questões do desenvolvimento e aprendizagem, por sua vez, podem oferecer bons indicativos para a avaliação, mas estes não devem ser tomados como critérios absolutos. Se assim acontecer (e as práticas psicomotoras mais tradicionais incorrem frequentemente nesse erro), o risco do enquadramento das crianças em tabelas e insuficiências é grande. Por outro lado, os indicadores podem ser interessantes como auxílio para a avaliação. Observar a universalidade como um parâmetro que nos afaste da negligência em relação aos pequenos, cuidando-os, não significa considerar que a correspondência de cada criança em tabelas e gráficos é a última palavra a ser dita sobre eles.

Algo que também precisamos ter em mente é que muito do que acontece nas práticas com a Educação Infantil não sabemos bem qual é seu efeito, portanto, não é possível avaliar tudo. Um cuidado a ter é não projetar sobre as práticas expectativas que são nossas, ou seja, nelas en-

contrar o que queremos, desejamos, e não o que acontece ou aconteceu. Costumamos projetar muito de nossas fantasias nas crianças e suas respostas. Não sabemos tudo, tampouco saberemos, o que não nos desobriga da procura pelo conhecimento e pela análise cada vez mais apurada de nossa prática pedagógica.

DOCUMENTAR AS PRÁTICAS

Documentar as práticas para analisa-las, para constituirmos uma memória do trabalho pedagógico, é algo muito importante. Sem isso é difícil avaliar em longo prazo. A memória nos trai com muita facilidade, está atravessada por lembranças e esquecimentos, encobrimentos e lapsos. Muito do que recordamos ou esquecemos tem corte afetivo. Portanto, documentar é muito importante.

Mas, o que anotar? Como fazer isso? Podemos filmar as práticas? Considero as anotações muito importantes, assim como os registros fotográficos, as filmagens (estas precisam de autorização particular para que possam ser feitas, lembremo-nos que a imagem é um direito da pessoa) e outras formas de documentação.

No que se refere ao primeiro instrumento, é necessário ter alguma orientação que considere o que queremos com as aulas, perseguindo, então, aqueles elementos previstos. Ao mesmo tempo, é preciso estar suficientemente aberto para novas questões. Da mesma forma, a filmagem deve obedecer a um roteiro, mas estar aberta a novas possibilidades que a prática oferece. O mesmo vale para a fotografia.

Um ponto muito importante sobre os registros, em especial os escritos, diz respeito ao seu caráter substantivo. De forma geral, é bom que evitemos o excesso de expressões adjetivas, tanto porque elas explicam pouco, quanto porque dão um tom para o que foi a experiência que pode mais facilmente não corresponder à realidade. Afirmar que uma aula “foi boa” ou que “foi legal”, ou ainda que “as crianças foram participativas”, diz pouco do que aconteceu. É melhor perguntar e responder se os objetivos foram alcançados (até que ponto), se o que estava previsto foi cumprido,

quais foram as dificuldades, como se sentiu na docência etc⁵. Expressões adjetivas são como tempero na comida, em excesso tiram-lhe o sabor. Mais importante que adjetivar, é descrever o que e como acontece.

ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE AVALIAÇÃO

Como síntese provisória, talvez seja o caso de mencionar algumas questões tratadas ao longo do texto, combinadas com possíveis respostas. Elas devem gerar novas hipóteses e perguntas, de forma a se poder ir adiante com ideias para a prática pedagógica. Experimentar, tentar, com risco calculado – e sempre com muita responsabilidade – é muito importante.

É legítimo perguntar o que ensinamos às crianças em uma aula? Embora se destaque no debate da Educação Infantil, com razão, que não se trata de escola na educação de zero a seis anos, que não se opera na dinâmica disciplinar com as crianças, sim, é legítimo perguntar o que ensinamos. Não se deve recusar a responsabilidade de ensinar práticas corporais quando se é professor de Educação Física.

Por que e como as práticas pedagógicas podem ser documentadas? Porque de outra forma não teremos uma memória delas e a avaliação de médio e longo prazo ficará muito prejudicada. Há várias formas de documentar as práticas e precisamos desenvolver e experimentar distintas propostas.

Deve-se usar um protocolo de anotações? A opção pelo registro escrito é boa, entre outros motivos, porque a construção do texto exige uma organização de ideias que é superior à oralidade ou mesmo às imagens. Para isso, no entanto, é preciso exercitar a escrita, evoluir com ela ao passo da capacidade de observação. É notável a evolução dos registros ao longo do tempo, em várias experiências⁶. Para tanto, o uso de um

5. Suponho que as leituras de Goldenberg (2005) e Vaz (1999) possam ajudar neste ponto.

6. Wendhausen (2012) é um ótimo exemplo.

protocolo com algumas questões orientadoras da observação da própria prática pode ser interessante. Penso que é preciso começar com pouca pretensão, em plano mais descritivo e ir desenvolvendo o instrumento aos poucos. Isso pode ser feito de forma coletiva, com vários colegas da mesma unidade ou de unidades distintas pertencentes à mesma rede. O instrumento deve considerar a universalidade da infância e sua educação, mas também suas singularidades em cada contexto.

Pode-se fazer um registro de todas as aulas? Penso que não, não é possível pelo menos até se ter uma boa experiência descritiva, com ou sem um instrumento formal.

UMA PALAVRA AINDA

Muitas perguntas não foram feitas e, por isso, não puderam ser respondidas. Fica o convite para seguirmos pensando coletivamente. Risco sem propriamente perigo, dedicação sem pensar que se é super-homem ou supermulher, novas ideias com responsabilidade, planejamento e avaliação que a ele correspondam. Isso e mais. Aos poucos, mas agora.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In: __. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **A Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis** – Prefeitura Municipal de Florianópolis. Santa Caarina, 2016. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_06_2017_9.23.33.5187fb803460dd1cd26a6eb383715fd8.pdf

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LOVISOLO, H. R. **Estética, esporte e educação física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997. v. 1. 172p .

SAYÃO, D. T. **Educação Física Na Pré-Escola: Da Especialização Disciplinará Possibilidade De Trabalho Pedagógico Integrado**. 1996, p 169. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

WENDHAUSEN, A. M. A. Conteúdos, Linguagens E Possibilidades: O Relato De Uma Proposta Da Educação Física Na Educação Infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 31-45, set. 2012.

VAZ, A. F. Aprender a Produzir e Mediar Conhecimentos: um olhar sobre a prática de ensino de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis. v. XI, n. 13, 1999, p. 11-34.

VAZ, A. F. Aspectos, Contradições e Mal-entendidos da Educação do Corpo e a Infância. **Motrivivência**, Florianópolis, v. XIII, n. 19, 2002, p. 7-11.

Recebido: 22 novembro 2017
Aprovado: 18 dezembro 2017
Endereço para correspondência:
Alexandre Fernandez Vaz
EED/CED/UFSC – Campus Universitário
Trindade
Florianópolis-SC
CEP: 88040-900
alexfvaz@uol.com.br